

"O ESPÍRITO DISSE A FILIPE"

REFLEXÕES SOBRE O ESPÍRITO NOS ATOS DOS
APÓSTOLOS A PARTIR DE 8,26-40

O episódio da conversão do eunuco constitui o segundo quadro da atividade missionária de Filipe, depois da narração do seu trabalho evangelizador na Samaria. O Espírito tem um papel importante no evento. Quase no início do relato, sugere a Filipe aproximar-se do carro em que viaja o dignitário da rainha da Etiópia; estimula-o, pois, a dar o primeiro passo com que se inicia o processo de conversão deste obscuro representante de um país periférico do Império Romano. No fim da narração é ainda o Espírito que arrebatou Filipe e o transfere para Azot, na direção de Cesaréia, em vista da continuação da sua atividade.

Numa primeira consideração, esses elementos referentes ao Espírito parecem pobres; no entanto, se considerados à luz de todo o relato e da obra lucana como totalidade, permitem salientar, com maior ou menor evidência, elementos importantes da teologia lucana do Espírito. Em cada perícopo duma obra literária refletem-se, pois, sempre as grandes perspectivas teológicas de seu autor.

É útil lembrar que o eunuco, que vem em romaria a Jerusalém e é alcançado por Filipe no caminho de volta para sua pátria,¹ repre-

¹ Não se trata da atual Etiópia, mas da região do alto Egito com capital Meroe, como especificam Estrabão e Plínio. CC. CONZELMANN, H., *Die Apostelgeschichte*. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1972, p. 63.

sentado, nos Atos, uma nova categoria de pessoas a quem é dirigido o anúncio cristão, depois que progressivamente foram evangelizados os judeus ortodoxos de Jerusalém (2,41) e os judeus da diáspora (6,1). Trata-se, de fato, de um pagão que, na sua qualidade de castrado, não pode ser membro do povo hebraico (Ot 23,2).² Sem ser circunciso simpatiza-se, porém, pelo judaísmo: por isso, abraçou a fé monoteísta e nutre-se da sabedoria contida nas Escrituras. Lucas é reservado quanto a sua identidade e à importância da sua conversão. Provavelmente trata-se de um *temente a Deus* (d. 10,2); seria, segundo os Atos, o primeiro gentio a converter-se,³ embora Lucas não o afirme explicitamente para reservar o primado a Cornélio, primeiro incircunciso aceito na igreja por obra de Pedro.⁴ Faz assim da conversão do eunuco um simples pressuposto da do centurião romano que assume valor paradigmático para o desenvolvimento sucessivo da missão cristã.

No relato, o Espírito toma a iniciativa dos eventos, fazendo com que a igreja possa alcançar uma nova meta na sua missão evangelizadora. Atua sem necessidade de mediações humanas. Irrompe e ordena. Filipe parece um missionário itinerante totalmente à sua mercê. Não é ele, pois, o iniciador da missão, mas simples instrumento de uma força superior que, de fora, manifesta seu poder, dirige os acontecimentos e dá diretivas concretas às quais não é possível se opor (vv. 26.29.32.36).⁶

Esta maneira de atuar do Espírito se encontra, com matizes mais ou menos semelhantes, também em outros trechos da narração dos Atos. No episódio da conversão de Cornélio, o Espírito é o sujeito ativo que *diz* imperativamente a Pedro que vá *sem hesitação* (10,19;

² No texto de Lucas, o termo *eunuco* não é só sinônimo de alto dignitário (*dynástês*), seja ele tesoureiro ou administrador, mas deve ser tomado no seu sentido literal de *castrado*. cf. SCHNEIDER, J., *eunoukos*, em *TDNT*, II, pp. 765-768.

³ Estas características deviam ser frisadas no relato primitivo, difundido no ambiente helenista, que apresentava os êxitos dos pregadores itinerantes da Síria-Palestina. Cf. ROLOFF, J., *Hechos de los Apóstolos*. Madrid, Cristiandad, 1984, p. 191; HAENCHEN, E., *The Acts of the Apostles. A Commentary*. Oxford, Blackwell, 1971, p. 315.

• A presença da colônia hebraica na ilha de Elephantina, perto de Assuan, deve ter influenciado também a Núbia, onde o eunuco vive nas dependências da rainha-mãe.

⁵ Na apresentação lucana da história, feita em segmentos paralelos, é difícil estabelecer se, historicamente, aconteceu primeiro a conversão do eunuco, ou a de Cornélio, ou a pregação dos anônimos cipriotas e ciríneos aos pagãos de Antioquia. Cf. STÄHLIN, G., *Gli Atti degli Apostoli*. Brescia, Paideia, 1973, pp. 223-225.

⁶ O episódio referente à missão de Filipe em Samaria (At 8,4-25) frisa mais a dimensão ativa de seu trabalho de evangelizado.

11,12) à moradia do centurião romano, em Cesaréia. Também, neste episódio, o Espírito dirige a missão com uma ordem que não pode ser contestada. Assim também em 13,2, no contexto litúrgico da comunidade de Antioquia, o Espírito faz sentir sua voz, mandando reservar Barnabé e Saulo para a *obra* a que são destinados, i.é., para a missão que devem empreender (14,26;15,38). Vale a pena ressaltar que, neste relato, o Espírito não é só quem escolhe os missionários para uma propagação eficaz do evangelho, mas também o responsável por sua eterna vocação (*proskalefn*). O Espírito é, pois, aquele que dispõe plenamente dos membros da comunidade cristã.

Não só o Espírito *diz*, manifestando com clareza sua vontade, mas intervém espontaneamente nos momentos salientes da história da evangelização dos Atos. Por ocasião da aceitação de Cornélio na igreja, antes do batismo, desce sobre os pagãos neoconvertidos (10,44), indicando assim que também eles são chamados a fazer parte da comunidade cristã. Também na passagem da missão da Ásia para a Europa, o Espírito intervém, impedindo a Paulo e Silas seu trabalho apostólico na Mísia e na Bitínia, e convidando-os a passar para a Macedônia (16,6-10). O Espírito continua orientando também a última fase da vida de Paulo, a do seu cativo e da sua viagem para Roma, atestando-lhe suas futuras provações (20,22-27)7.

A partir destes elementos aparece, com clareza, que Lucas está interessado em frisar que o Espírito dirige a vida da igreja, cuja tarefa é levar o evangelho até os confins do mundo. É ele que determina os tempos e sugere os modos da evangelização. Por isso Lucas não se preocupa em definir concretamente em que consiste a *locução* do Espírito que aparece no relato do eunuco e em outros trechos dos Atos: se é um entusiasmo repentino ou uma iluminação interior que ajuda a superar uma dúvida que paralisa (11,12). Da mesma maneira, também, não precisa em que consiste o *empecilho* encontrado pelos apóstolos nas estradas da Ásia que faz tomar outro rumo à evangelização (16,6-10): se se trata de uma doença (Gl 4,13) ou de um fracasso que faz ir por água abaixo os projetos de Paulo. A Lucas não interessam os pormenores históricos ou psicológicos dos acontecimentos; interessa-lhe só o fato de que o Espírito acompanha a igreja na sua caminhada.

Se, nas perícopes até aqui consideradas, o Espírito se manifesta com potência e sem mediações humanas, nem sempre nos Atos atua deste modo. Em 11,28;21,4.11 Lucas evidencia que o Espírito opera através dos profetas das várias comunidades que anunciam a Paulo sua futura perseguição em Jerusalém. Em 4,8; 6,5.10;13,9, afirmando

que os vossos personagens dos Atos são *repletos de Espírito Santo*, sublinha que também seus empreendimentos dependem do poder divino que está neles.

O Espírito aparece, portanto, nos Atos não só como aquele que atua sozinho e imprevisivelmente, mas também como aquele que ilumina e sustenta as escolhas dos apóstolos com um papel complementar ao dos missionários⁸. Ação do Espírito e ação humana unem-se harmoniosamente. O Espírito é, pois, para Lucas também a presença silenciosa e eficaz na vida do dia-a-dia da igreja. É, de acordo com esta segunda perspectiva, que, de forma mais realista, se manifesta a experiência concreta da comunidade cristã e dos primeiros evangelizadores.

Precisa-se notar que, em alguns textos, em que o Espírito é apresentado como sujeito ativo que irrompe sem mediações nos acontecimentos humanos, Lucas parece fazer alusão a um intermediário humano através do qual o Espírito se manifesta. Isto é bastante claro no caso da assembleia de Antioquia, onde o Espírito se pode comunicar através de um dos profetas ou doutores que constituem o grupo direcional da comunidade (13,2). É o que sugere também At 20,22: o Espírito atesta as provações de Paulo em Jerusalém, atuando através dos profetas que o apóstolo encontra no seu caminho (21,4.10-13). Essas observações não tiram, porém, o fato de que o Espírito atua como uma força poderosa que se impõe.

Nos Atos, Lucas apresenta, pois, dois modos de atuação do Espírito: como poder divino que se manifesta com vigor e intervém nos acontecimentos humanos com soberana liberdade, ou como sustento discreto e estímulo silencioso da atividade dos membros da igreja.

Quando, como no texto da conversão do eunuco, o evangelista descreve a descida do Espírito como força irresistível que transmite diretivas operacionais bem determinadas, depende provavelmente da concepção veterotestamentária do Espírito que pode ter encontrado nas suas fontes.⁹ Com efeito, alguns elementos literários da perícopos de At 8,26-40 apontam para essa direção. Em 8,39, o Espírito é qualificado como *Espírito do Senhor*. A relação com o sintagma o *anjo do Senhor*, de que se fala em 8,26, leva a pensar que a expressão deve ser entendida como o Espírito de Deus, e não tanto como o Espírito de Cristo. Esta compreensão está confirmada pela consideração da mesma expressão no episódio de Ananias e Safira. Nesta perícopos, *tentar*

⁸ Cf. At 1,5.8.16; 2,4.17.18; 4,8.25.31; 5,32. Cf. HAYA-PRATS, G., *L'Esprit force de l'Église*. 8a nature et son activité d'après les Actes des Apôtres. Paris, Cerf, LD 81, 1975, pp. 74-76.

⁹ Cf. Jz 3,10; 11,29; 14,6.19; 15,14; 18m 10,6; 11,6; 16,13.14.15; 28m 23,2; 1Rs 18,12; 22,24; 2Rs 2,16; 2Cr 15,1; 8b 1,7; Mq 2,7; Is 61,1.

o Espírito do Senhor (5/9) equivale a *mentir ao Espírito Santo* (v. 3) e corresponde a *mentir a Deus* (v. 4). Este relacionamento entre os sintagmas parece indicar que há uma correspondência entre a expressão *o Espírito do Senhor* e o termo *Deus*, destacando assim que ela deve ser entendida segundo a perspectiva veterotestamentária (d. Lc 1/35; 2/25; 4/18). Esta impressão aumenta se se considera que também o arrebatamento de Filipe por obra do Espírito lembra um traço literário característico do Antigo Testamento a respeito de Elias (IRs 18/12; 2Rs 2/16-18) e de Ezequiel (Ez 3/14; 8/3; 11/1.24).¹⁰

Se estes elementos indicam que Lucas, na sua apresentação do Espírito, em At 8/26-40/ depende de concepções veterotestamentárias, é óbvio que, na organização dos Atos, estas expressões têm sempre a finalidade de ilustrar a ação do único e mesmo Espírito, o Espírito de Pentecostes, que dirige a igreja, apresentado nos vários textos segundo aspectos e perspectivas diferentes. Trata-se, portanto, sempre do dom escatológico por excelência, dado por Cristo, na sua intronização junto ao Pai (2/33)/àqueles que acreditam nele.

A maneira da apresentação do Espírito no episódio do eunuco, sem dúvida pitoresca e talvez um pouco ingênua, é, em todo caso, muito significativa para salientar que, nos Atos, o Espírito é o ator principal que, juntamente com a Palavra, dirige a atividade da igreja. Os personagens humanos engajados no trabalho eclesial sempre estão à escuta das suas moções, se interrogam sobre seus misteriosos desejos/ obedecem às suas escolhas a fim de que os planos de Deus possam se realizar. Fazem-no também quando o Espírito discretamente sugere, no interior de seu coração, as linhas de atuação.

No texto de At 8/26-40/a expressão *o Espírito disse a Filipe*, do v. 29/ está em paralelo com a semelhante do v. 26: *o anjo do Senhor dirigiu-se a Filipe e lhe disse*. Na perícopes, os dois agentes têm uma função semelhante: impulsionar o missionário à ação. Esta observação leva a perguntar-se se, na ótica de Lucas, eles desempenham papéis verdadeiramente equivalentes ou se suas funções diferem.

A figura do anjo aparece também em outros relatos da obra lucana¹¹. Lucas apresenta-a segundo dois registros específicos. O anjo

¹⁰ Também Habacuc é tomado pelo alto da cabeça e, num instante, é levado, pelos cabelos, até a Babilônia (Dn 14,36), Cf. também 1Ts 4,17; 2Cor 12,2.3; Ap 12,5; 17,3; 21,10.

¹¹ Cf. Lc 1,11; 2,9; 22,43; At 5,19; 8,26; 10,3; 12,7.23; 27,23. Nos Atos, a intervenção do anjo refere-se sempre a relatos de cunho judaico.

aparece, em primeiro lugar, para permitir aos apóstolos realizar a tarefa a que foram chamados, libertando-os dos obstáculos que impedem o desenvolvimento da sua missão (5,19; 12,3; d. 12,20; 27(20); em segundo lugar, sua ação manifesta-se nos acontecimentos em que a mensagem evangélica é oferecida aos pagãos (8,26; 10,3-7.22.30-32; 11,13-14). Nesse último caso, a presença do anjo depende provavelmente da concepção veterotestamentária que considera as nações pagãs confiadas aos anjos que cuidam delas e se preocupam com sua salvação.u

Da análise dos textos da obra lucana, pode-se afirmar que o papel do anjo e o do Espírito não são correspondentes, embora ambos os agentes pertençam à categoria dos mediadores da ação divina. No texto de At 8,26-40, o anjo tem uma função menos específica que o Espírito: exorta, simplesmente, Filipe a ir à estrada que desce de Jerusalém a Gaza, mostrando-lhe só embrionalmente a vontade de Deus. É o Espírito que, num segundo momento, revela ao missionário com exatidão o que deve fazer: aproximar-se do carro em que viaja o eunuco.

O anjo de Deus e o Espírito se encontram unidos também no relato da conversão de Comélio. São apresentados, porém, de maneira mais orgânica: o anjo atua sobre o pagão Comélio em vista de sua salvação (At 10,3-7.22.30-32; 11,13-14); o Espírito, pelo contrário, desenvolve sua ação sobre o apóstolo Pedro, apresentado nos Atos como a testemunha cristã por excelência (At 10,19; 11(12).¹⁴ Também nesse relato o papel principal pertence ao Espírito. Em 10,19.22 o Espírito parece conhecer que o anjo foi enviado ao centurião romano. Aliás, no v. 20, atribui-se a ele o envio dos homens da casa de Comélio a Jope à procura de Pedro, apesar de o v. 7 referir ao anjo tal iniciativa.

Nesse texto, a apresentação bem balanceada de Lucas permite afirmar que a diferença entre os dois agentes consiste em que o anjo comunica o plano salvífico de Deus, próximo a se realizar (10,3-7), enquanto o Espírito ajuda concretamente a realização deste plano, impulsionando para a missão, iluminando e dirigindo a ação da igreja (vv. 19-20). O anjo é o personagem do Antigo Testamento que vela sobre os acontecimentos humanos e manifesta a providência de Deus a seu respeito; o Espírito é a força divina dos tempos novos que realiza a instauração do Reino. É evidente que, no texto dos Atos,

¹² Cf. Dt 32,8-9; Dn 10,13.20. GEORGE, A., "Les Anges", em *Études sur l'oeuvre de Luc*. Paris, Gabalda, 1978, pp. 149-183 (160-162).

¹³ Cf. BOVON, F., "L'importance des médiations dans le projet théologique de Luc", em *L'oeuvre de Luc. Études d'exégèse et de théologie*. Paris, Cerf, 1987, pp. 181-203.

¹⁴ A união anjo-Espírito encontra-se, também, em At 23,8.

que apresenta a difusão da obra missionária da igreja, Lucas dê mais importância à ação do Espírito, também quando o apresenta unido ao personagem do anjo.

Embora reconhecendo a não equivalência entre o papel do anjo e o do Espírito no tocante à realização da salvação, Lucas utiliza estes dois agentes para ilustrar a condução divina dos acontecimentos. Tal condução é bem salientada em At 8,26-40, através da hábil montagem da perícopa que apresenta coincidências inesperadas.¹⁵ É Deus, através de seu anjo, que faz Filipe mudar de situação geográfica, ordenando-lhe paradoxalmente que na hora mais quente do dia vá a uma estrada deserta, sem manifestar-lhe o motivo.¹⁶ É disposição divina que o eunuco passe por lá e que Filipe, movido pelo Espírito, se aproxime do misterioso personagem. É providência particular que o alto funcionário esteja lendo o texto específico de Isaías, que logo compreenda seu sentido à luz da explicação de Filipe, e que na estrada se encontre a poça d'água necessária para o batismo.

O relato manifesta assim a grande habilidade narrativa do evangelista: utilizando, com arte, os vários atores, mostra plasticamente o realizar-se da vontade salvífica de Deus que, superando todo obstáculo, abre as portas da salvação aos pagãos (Sl 68,32).¹⁸

Se Lucas apresenta o Espírito como força que irrompe do alto e dispensa as necessárias mediações humanas, não significa que esqueça de evidenciar a liberdade e a iniciativa dos missionários. Pois para o evangelista a função do Espírito não é substituir-se aos atores humanos, mas sim, iluminar e estimular sua atuação: eles, de fato, nunca são executores passivos das suas ordens.

Esta dimensão aparece evidente em At 8,26-40 onde o Espírito sugere que Filipe vá para frente e se aproxime do carro. Ele não só avança, mas *corre*, realizando em plenitude a orientação inicial; além

¹⁵ Estas coincidências estão presentes, também, no relato das conversões de Paulo (9,1-19) e de Comélio (10,1-48).

¹⁶ Indicando o momento do dia, Lucas talvez pense em uma hora propícia para uma revelação. Cf. 10,10; 22,6; 26,13; Lc 23,44.

¹⁷ Este feliz desenvolver-se dos acontecimentos talvez já se possa prever na assonância entre o termo que indica a tarefa do eunuco, preposto ao *tesouro* real (*gázé*), e o nome da cidade de Gaza (*gáza*) para onde se dirige. Deus espera-o, nesta circunstância, para oferecer-lhe a verdadeira riqueza que procura.

¹⁸ Com a conversão do eunuco, o evangelho penetra no continente africano que recebe a boa nova antes da Europa. Cf. SCHNEIDER, G., *Atti degli Apostoli* 1. Brescia, Paideia, 1985, p. 694.

disso, escuta, toma a iniciativa de perguntar ao eunuco se entende o que está lendo, explica o texto de Isaías, evangeliza o pagão a partir das Escrituras, administra o batismo. Na realidade, tudo é operado pelo Espírito que sustenta Filipe na sua ação, mas o texto atribui ao Espírito só a moção inicial, fazendo aparecer tudo o que acontece como obra de Filipe.

Também, em At 10,19-20, a ordem desconcertante do Espírito, dirigida a Pedro, de ir à casa de um pagão, quando ele perplexo está procurando uma explicação para a visão da toalha (vv. 17-19), é compreendida pelo próprio apóstolo no seu encontro com Comélio (vv. 28.33-34). A intervenção do Espírito não lhe poupa o trabalho e o risco da interpretação dos eventos que acaba de viver pessoalmente; só elimina sua relutância em entrar na casa de um pagão, ato proibido pela Lei, sob pena de contrair impureza (10,28;11,3). Também em 16,7.9, Paulo, Silas e Timóteo, iluminados do alto, devem tomar a delicada decisão de transferir a missão da Ásia para a Macedônia. Em nenhuma deliberação missionária, pois, a igreja é dispensada de assumir sua responsabilidade humana.

Todos esses elementos significam, pois, que também quando o Espírito intervém diretamente, opera sempre respeitando a autonomia humana, animando e estimulando a ação interiormente, não substituindo-se a ela ou negando-a. Por isso, os Atos, sempre inequivocamente, apresentam juntos as ações do Espírito e as dos missionários. Distinguem-se, assim, das narrações helenistas que mostram os deuses imediatamente operando entre os homens.

Esta perspectiva de relativa autonomia dos personagens humanos em vista da missão, se toma ainda mais clara quando Lucas frisa que o Espírito não atua diretamente, mas opera através de pessoas humanas. Nos textos de 11,28;21,4.11, onde Ágabo e os discípulos de Tiro profetizam movidos pelo Espírito, a iniciativa do personagem humano, que fala e age sob o influxo do Espírito, fica ainda mais potenciada: Ágabo, imitando o comportamento dos antigos profetas (Or 18,1), faz, na ocorrência, os gestos que lhe parecem mais oportunos.

Haya-Prats nota que os personagens dos Atos, embora recebam várias vezes a qualificação comum de *repletos de Espírito*, de fato, atuam sempre de maneira diferente, em correspondência com os dons de graça e de natureza recebidos e em relação às diferentes situações em que são chamados a atuar.¹⁹ A prudência e o espírito de conciliação caracterizam Bamabé (11,24); a fé e a sabedoria, que se tomam ardente invectiva contra seus adversários, qualificam Estêvão (6,5.10); a ousadia e a coragem diante das perseguições distinguem Pedro

(4,13) e a comunidade cristã no seu conjunto (4,31). Isto significa que o Espírito utiliza e aperfeiçoa as potencialidades humanas dos cristãos, permitindo-lhes produzir frutos copiosos.

Lucas, pois, através dos vários modos com que apresenta as intervenções do Espírito, salienta a liberdade que ele tem de se comunicar como e quando quer, tanto em contextos religiosos (13,2), como profanos. Ao mesmo tempo, porém, frisa que o Espírito para agir no mundo necessita de pessoas concretas que respondam ao seu chama-do com inteligência, iniciativa e criatividade.

No texto de At 8,29 o verbo *dizer*, referente ao Espírito, não anuncia uma revelação, mas indica um impulso à missão que deve ser empreendida segundo orientações operativas particulares. O interesse lucano para a missão aparece também na transferência de Filipe para Azot, operada pelo mesmo Espírito (v. 39): ali o missionário é colocado no lugar mais apto para continuar sua obra evangelizadora. Portanto, no relato da conversão do eunuco, o Espírito fala e inter-vém a fim de que a missão se realize.

Também nos episódios já lembrados da conversão de Comélio (10,19.44), da escolha de Bamabé e Saulo para a primeira viagem apostólica (13,2), da passagem de Paulo, Silas e Timóteo da Ásia para a Europa (16,6-10), da ida de Paulo a Jerusalém para a entrega da coleta (20,22-24; d. 24,17), o Espírito sempre intervém em relação a um objetivo missionário. Esses exemplos levam a pensar que Lucas considera o Espírito fundamentalmente como o agente que permite o avanço e o progresso da missão da igreja.

Tal perspectiva encontra uma confirmação no fato de que o evangelista coloca em relação com a ação do Espírito também a obra de testemunho e de evangelização da comunidade primitiva. No texto de At 1,8, que sintetiza o programa do livro, afirma-se que os apóstolos, ao receber a força que vem do alto, se tomam testemunhas. A

relação entre Espírito e testemunho é concretamente destacada em 2,17, frisando que Pedro fala inspirado pelo Espírito. O motivo é retomado em 5,32 onde se sublinha que o Espírito Santo testemunha junto com os apóstolos que Cristo é o salvador universal.²⁰ Lucas salienta que nas perseguições não só os apóstolos, mas a igreja intei-

²⁰ ef. At 1,22; 2,32; 3,15; 10,39; 13,31.

²¹ É provável que seja referência a uma manifestação visível do Espírito: esta pode corresponder ao dom da glossolalia que os habitantes de Jerusalém puderam observar (2,12).

ra, reunida ao redor dos Doze, recebe do Espírito a força do anúncio (4,31) e a coragem de manifestar sua fé (v. 33).²² Também o discurso de Estêvão, qualificado como testemunha em 22,20, acontece sob o influxo do Espírito (6,5.10).²³ O mesmo título de testemunha, dado a Paulo em 22,15; 26,16, pode ter uma ligação com a ação do Espírito que orienta sua obra missionária (9,17; 13,2.9).²⁴

Estes elementos evidenciam que para Lucas a função do Espírito é basicamente missionária e profética. Tal dimensão aparece já no relato do evento de Pentecostes, onde o evangelista, comentando o episódio da descida do Espírito (At 2,17-21), utiliza o texto de **Jl** 3,1-5 acrescentando, porém, o verbo *profetizar* no v. 18. Salienta assim a dimensão profética do dom do Espírito já expressa no v. 17.

O Espírito nos Atos aparece, pois, como uma potente força centrífuga que impulsiona para a missão, infunde coragem (4,31) e sabedoria (6,10) nas perseguições. O episódio do eunuco é um exemplo significativo desta perspectiva.²⁵ Lucas, portanto, sem excluir o trabalho do Espírito no âmbito interior da comunidade, privilegia o âmbito externo da sua atuação.

No texto de At 8,26-40, nota-se que o Espírito, que intervém com poder para orientar a missão de Filipe, não é mencionado no momento do batismo do funcionário régio.²⁶ Só o texto ocidental, que não é uma lição certa, especifica que o Espírito Santo desce sobre o eunuco no momento de receber o sacramento da iniciação cristã, e reutiliza o motivo do anjo do Senhor para o deslocamento de Filipe para AZOt.²⁷

²² Lucas salienta a importância da *parrêsia* também em 2,29; 4,13.29.31; 28,31.

²³ Em At 2,32; 3,15; 4,33; 5,32; 10,41, o objeto do testemunho é o evento pascal, posto em relação com a vida de Jesus (2,22; 10,39). Em 18,5, é a messianidade de Jesus; em 20,24 e em 26,22, o projeto redentor.

²⁴ Lucas, especificando que os fiéis são chamados a dar conta da sua fé nos tribunais (4,8; 6,10.15; 7,55), ilustra a situação dramática que está vivendo sua igreja.

²⁵ O evangelista apresenta casos em que se põem obstáculos à ação do Espírito: cf. Ananias e Safira (5,3.9), os adversários de Estêvão (7,51), os judeus em geral (28,25-26). Esta atitude é considerada, por Lucas, mais um empecilho ao desenvolver-se da missão do que um pecado pessoal.

²⁶ Também Filipe desce na água para batizar o eunuco. Trata-se de batismo por imersão. A pergunta retórica: *eis aqui a água o que impede que seja batizado?* (v. 36), segundo alguns autores, poderia representar um resíduo do interrogatório litúrgico do catecúmeno antes de ser admitido ao sacramento da iniciação cristã (cf. v. 37).

²⁷ Em At 8,39, alguns códigos lêem: *O Espírito Santo caiu sobre o eunuco e o anjo do Senhor arrebatou Filipe.*

O silêncio em relação ao Espírito na hora do batismo não é casual, mas revela uma perspectiva característica da teologia lucana que deve ser analisada. Com efeito, nos Atos Lucas distingue constantemente entre o ato do batismo e a efusão do dom do Espírito.²⁸ Esses dois momentos não são equivalentes e não coincidem entre si.

Em 8,17, Pedro e João, enviados pela igreja de Jerusalém, impõem as mãos aos neoconvertidos da Samaria e lhes transmitem o Espírito depois do batismo conferido por Filipe. Neste caso o ato do batismo antecede o da recepção do Espírito. Em 10,44, pelo contrário, o Espírito desce sobre os membros da casa de Camélia antes do banho batismal (d. 11,15).

Em At 19,6, o batismo e o dom do Espírito parecem simultâneos; trata-se, porém, só de uma impressão. De fato o texto distingue entre o ato do batismo e o da imposição das mãos com a qual se transmite o Espírito. Afirma-se, pois, com um verbo no passivo referente à ação de Deus, que os discípulos do Batista são batizados em nome do Senhor Jesus. O dom do Espírito, que como sujeito ativo desce sobre os convertidos, lhes é dado num segundo tempo através da mediação de Paulo que impõe as mãos sobre os neobatizados. A mudança dos sujeitos indica a distinção dos momentos.

O texto de At 2,38, colocado no início do livro dos Atos, tem valor programático, porque indica as etapas sucessivas do processo da iniciação cristã. Também nesse trecho, batismo e dom do Espírito representam dois atos distintos entre si e não correspondentes. O verbo no futuro, na expressão *recebereis o Espírito*, parece indicar que a recepção do Espírito constitui um evento que vem depois do da iniciação cristã, apresentado com um ato que acontece no presente: *cada um de vós seja batizado*.

Também no caso de Paulo, Lucas frisa esta distinção. Após sua conversão, o apóstolo recupera a vista e é repleto do Espírito Santo por meio da imposição das mãos de Ananias; porém só num segundo momento é batizado (9,17-18).²⁹

Estas observações não devem fazer supor que Lucas pense na possibilidade de um batismo sem a efusão do Espírito. Esta perspectiva estaria em contradição com a opinião comum de todos os autores do Novo Testamento. Não se pode esconder, de resto, que alguns dos textos dos Atos, referentes à relação entre Espírito e batismo,

²⁸ Essa perspectiva está bem documentada em HAYA-PRATS, G., *op. cit.*, pp. 130-138 e em DUMAIS, M., "Ministeres, charismes et Esprit dans l'oeuvre de Luc", em *EeT(O)* 9 (1978) 413-453 (446).

²⁹ Há outros casos nos Atos em que Lucas fala da administração do batismo sem, porém, mencionar a descida do Espírito: cf. 16,15.33; 18,8.

apresentam certa ambigüidade. Se Lucas não nega que o batismo implica o dom do Espírito, nunca o afirma explicitamente. Aliás, coloca em relação o sacramento da iniciação cristã com o *nome de Jesus* através de duas expressões específicas: uma mais dinâmica, *baptízein eis tō ónoma* (8,16; 19,5) e outra mais estática, *baptízein en tō onómati* (2,38; 10,48) que indicam que, no sacramento, o batizado é posto sob o senhorio de Cristo e a ele consagrado. O batismo *em nome de Jesus* é, pois, uma expressão em si completa e suficiente para indicar a existência cristã do neobatizado sem necessidade de especificar ulteriormente que o Espírito desceu sobre ele.

O uso desta linguagem lucana referente ao batismo é significativa. Se a função do Espírito não é purificar, tirando os pecados por meio do sacramento da iniciação cristã,³¹ confirma-se que para o evangelista o papel básico do Espírito é animar a missão da igreja e fortalecer seu testemunho. Segue-se por conseqüência, que para Lucas o dom do Espírito não tem primariamente uma função santificante. Essa dimensão é, pelo contrário, frisada pela tradição primitiva nas cartas paulinas (2Ts 2,13; Ti 3,5) e nos escritos joaninos (Jo 3,5).³² Também a comunidade de Qumran reflete sobre o relacionamento entre o

34

Espírito e a purificação interior de seus membros. A teologia do terceiro evangelista, referente à relação entre Espírito e batismo, é, pois, muito específica e original.

A ótica particular do evangelista que relaciona o Espírito à missão da igreja faz com que Lucas não apresente nem a existência da comunidade primitiva, nem a vida moral do cristão como fruto do Espírito. Lucas não nega que o Espírito tenha um papel importante na vida interna da igreja, estimulando a unidade e o espírito de partilha, mas não o explicita. Nos Atos, de resto, nunca relaciona a conversão pessoal com o dom do Espírito (3,26; 10,43), assim como nunca apresenta os milagres como efeito da força do Espírito (cf Mt 12,28);

³⁰ QUESNEL, M., *Baptisés dans l'Esprit. Baptême et Esprit dans les Actes des Apôtres*. Paris, Cerf, LD 120, 1985, pp. 43-78, a partir dessas duas fórmulas pensa na existência de dois tipos de batismos na igreja primitiva: o primeiro característico das igrejas judeu-cristãs, o segundo das igrejas paulinas.

³¹ Cf. ROLOFF, *op. cit.*, p. 191; DUMAIS, *op. cit.*, 443.446-447.

³² Para Lucas, a condição para receber o Espírito não é o batismo, mas sim a fé (15,7) e a acolhida da Palavra (10,44b).

³³ Precisa-se notar que a expressão *batizar no Espírito Santo* refere-se ao dom de Pentecostes (1,5; 11,16; cf. Lc 3,16).

³⁴ Cf. 1QS IV,20-21; 1QH VII,6-7; XVI,11-12.

³⁵ As opiniões divergem. Negam essa relação SCHNEIDER, *op. cit.*, p. 368; SCHWEIZER, E., "pneúma", em *TDNT*, VI, pp. 332-455 (404-415). Aceitam-na LAMPE, G. W., "The Holy Spirit in the Writings of Luke", em *Studies in the Gospel*. Essays in memory of R. H. Lightfoot, Oxford: D. E. Nineham, 1957, pp. 186-188.197; HULL, J. H. E., *The Holy Spirit in the Acts of the Apostles*. London, Lutherworth Press, 1967, pp. 130-131.133-136.

atribui-os, pelo contrário, ao nome de Jesus (3/6.16; 4/10).³⁶Fica, assim/ caracterizado que o Espírito tem para Lucas uma dimensão exclusivamente missionária.

Na perícopre de At 8/26-40o Espírito é aquele que impulsiona Filipe para a missão, permitindo-lhe incorporar na igreja o primeiro pagão. Este se converte depois de ter compreendido que as Escrituras falam de Jesus. Daí vem a seguinte pergunta: Lucas pensa que o Espírito sugira a Filipe só de entrar em contato com o dignitário régio para favorecer seu processo de conversão, ou supõe, também, que dirija Filipe na sua missão de heremita de Cristo para o eunuco que, apesar de seu interesse pelo Antigo Testamento, não consegue entender seu sentido?³⁷ O texto não afirma explicitamente que o Espírito tenha um papel particular no processo de interpretação do profeta Isaías que o eunuco está lendo, mas na lógica da teologia lucana essa perspectiva parece possível. Procedamos gradualmente.

Em primeiro lugar, Lucas salienta que o Espírito fala através das Escrituras. Em 1/16 afirma-se que ele, operando por meio de Davi, anuncia a sorte de Judas; em 28/25 é ainda o Espírito que, através do profeta Isaías, declara o endurecimento definitivo de Israel. Com uma expressão quase equivalente, também no texto de 4/25 frisa-se que o Espírito é o instrumento através do qual Deus fala na Escritura.

Uma primeira conclusão pode ser a seguinte: se o Espírito Santo fala através da Escritura, deve ter também um papel na sua interpretação correta. Esta, segundo a perspectiva de todo o Novo Testamento, não pode ser senão cristológica. A obra lucana aponta para essa perspectiva.

Com efeito, Lucas frisa o estreito relacionamento entre o Espírito e Jesus. O Espírito tem uma relação pessoal com Cristo desde sua concepção (1/35) e atua na vida de Jesus (4/1.14.18;10/21).³⁸Por isso é Jesus que

³⁶ Foi notado que nos Atos a qualificação de *repleto do Espírito Santo*, que caracteriza vários personagens (4,8.31; 6,5.10.55; 13,9), não tem a função de sublinhar a dimensão exemplar da sua vida moral, mas de salientar a situação pessoal que lhe permite melhor engajamento apostólico.

³⁷ No início, o texto evidencia genericamente que o eunuco está lendo o profeta Isaías. Em seguida cita-se um texto específico. Esta apresentação indica o trabalho redacional de Lucas. Cf. SCHNEIDER, *op. cit.*, p. 699.

³⁸ À diferença de Mc 1,12 e Mt 4,1, Lucas evita apresentar Jesus submetido ao Espírito. Frisa, pelo contrário, a unidade de ação que existe entre Jesus e o Espírito. Por isso, afirma que Jesus vai *no* Espírito para o deserto e não que Jesus é conduzido para lá *pelo* Espírito. Na obra lucana, porém, Jesus dispõe plenamente do Espírito só depois da Páscoa.

transmite o Espírito à comunidade pós-pascal (2,33). Por conseguinte, Lucas, em At 16,7, pode falar de *Espírito de Jesus*.

O evangelista afirma, também, que o Espírito continua a atividade de Jesus. Em alguns textos, frisa-se, pois, a recíproca correspondência entre os dois atores divinos na história da salvação. Na situação de perseguição, apresentada em Lc 12,12, é o Espírito que ensina aos discípulos o que nessa circunstância devem dizer. No mesmo contexto, em Lc 21,15, é, pelo contrário, Jesus que promete a seus discípulos eloquência e sabedoria a fim de resistir aos adversários. Da mesma maneira em At 4,31 é o Espírito que dá coragem aos discípulos que passam por provações; em 14,3, pelo contrário, a coragem é proporcionada por Cristo.³⁹ Na obra lucana, existe, pois, uma recíproca interação entre Cristo e o Espírito.

Os Atos fornecem elementos ainda mais explícitos para indicar que o Espírito está por trás da interpretação cristológica do Antigo Testamento feita pela comunidade primitiva. No texto de 4,8 explicita-se que Pedro está *cheio de Espírito Santo* quando responde às autoridades hebraicas que lhe pedem explicações do milagre da Bela Porta. Durante seu discurso, quando interpreta cristologicamente o texto do Salmo 118,22 (v. 11), deve-se, pois, deduzir que está sob a inspiração do Espírito. Lucas salienta, também, que a releitura cristológica da história de Israel, feita por Estêvão (At 7,1-54), acontece quando ele está *repleto de fé e de Espírito Santo* (6,5.10). Aliás, o evangelista refere a resistência ao Espírito Santo por parte dos adversários de Estêvão (7,51) à sua recusa de uma correta interpretação da Escritura.

Não é, pois, ilógico pensar que, para Lucas, a interpretação cristológica de At 8,32-33 é alcançada pela força iluminadora do Espírito. À luz do fato de que Jesus e o Espírito têm funções complementares,⁴⁰ é possível afirmar que, se em Lc 24,27.44-45 Jesus explica as Escrituras aos discípulos de Emaús, na vida missionária da igreja é o próprio Espírito que faz compreender aos evangelizadores a dimensão cristológica da palavra veterotestamentária.⁴¹ Nota-se, de resto, que a relação entre Espírito e interpretação das Escrituras está já presente no episódio programático de Nazaré: nesse texto afirma-se que Jesus pode dizer que a Escritura se realiza nele porque o Espírito do Senhor está sobre ele (Lc 4,18-19).⁴²

³⁹ O uso do nome *parrésia*, em At 4,31, e do verbo *parrésiázein*, em 14,13, enfraquece um pouco a correspondência.

⁴⁰ Cf. BOVON, F., *Luc, le Théologien*. Vingt-cinq ans de recherches (1950-1975.) Geneve, Labor et Fides, 1978, p. 116.

⁴¹ *Ibidem*, p. 253.

⁴² O trecho de Isaías, que o eunuco está lendo, é citado segundo a versão dos LXX. Talvez seja possível interpretá-la cristologicamente à luz do parâmetro abaixamento-exaltação, embora esta interpretação não seja aceita por todos.

·No episódio da conversão do eunuco, a apresentação do Espírito como sujeito ativo que intervém na vida de Filipe, impulsionando-o para a missão e no final colocando-o num novo âmbito geográfico para que continue sua caminhada, leva a perguntar: Lucas considera o Espírito como uma simples força anônima ou como um ser pessoal?

Antes de mais nada, precisa-se notar que, em relação ao Espírito, Lucas utiliza uma rica linguagem de cunho personalístico. Afirma-se que o Espírito *cai* sobre a família de Cornélio (10,44; 11,15), *envia* (10,20b. 13,4) e *destina* os missionários com uma iniciativa soberana e gratuita que os antecipa no tempo (13,2; d. 2,39; 16,10), *impede* a continuação da missão (16,6.7), *aprisiona* Paulo e *dá testemunho* no coração dos fiéis (20,22), *ensina* nos momentos de dificuldade (Lc 12,12), *estabelece* ministérios (20,28). Estas afirmações, em que o agente principal é o Espírito, parecem caracterizar o relato dos Atos mais claramente do que aquelas que apresentam o Espírito como um dom recebido (2,38; 8,18.19; 10,47; 19,2).

A linguagem usada no texto não permite, porém, afirmar que Lucas considera o Espírito como uma pessoa. Trata-se, pois, de uma maneira antropomórfica de se expressar que se encontra também no Antigo Testamento onde, por exemplo, se lê que o Espírito *está sobre*, *se apossa* ou *arrebata* um personagem importante da história de Israel. É o que acontece com os juízes Otoniel (Jz 3,10) e Jefté (Jz 11,29), no caso de Sansão (Jz 13,25; 14,6.19; 15,14) e de Saul (1Sm 11,6; d. 1Sm 16,13), ou em relação a Elias e Habacuc, como já foi dito. As intervenções externas do Espírito não são, pois, elementos suficientes para provar sua identidade pessoal⁴³.

Tampouco a análise das categorias utilizadas por Lucas na apresentação do Espírito permite afirmar que ele possa ser entendido como pessoa. A categoria *força* (1,8; 10,38; Lc 4,14; 24,49; d. 1,35) é objetivante e personifica a ação de Deus. Na obra lucana, refere-se normalmente a uma energia humana (4,33; 6,8; 10,38; d. 3,12; 4,7) e só no caso de Simão, o Mago, é usada para indicar um poder transcendente personificado, embora Lucas neste caso considere ridícula essa perspectiva⁴⁴. A categoria de *promessa* (1,4;

⁴³ Esta linguagem encontra-se também em Rm 5,5; 8,26.27. Em Rm 8,16.23 frisa-se a mediação humana.

⁴⁴ Simão, o Mago, é considerado pelos demais o representante do *Poder de Deus*, que se chama *Grande*.

2,32.38; Lc 24,49),⁴⁵também não diz nada em relação à dimensão pessoal do Espírito, assim como não se podem fazer deduções a respeito a partir do *dom* escatológico (2,38; 8,20; 10,45; 11,17; d. 15,8), fruto do cumprimento da obra messiânica (2,38).⁴⁶

A perspectiva objetivante de Lucas aparece, também, na utilização do termo *efusão* (1,17), que compara o Espírito a um fluído derramado (10,45) do qual os cristãos ficam repletos (1,8), assim como no uso das metáforas do *óleo para a unção* (10,38) e do *revestimento* (Lc 24,49; At 1,5; 2,33; 10,38.45).

Se Lucas, portanto, considera o Espírito como um sujeito divino, autônomo e livre,⁴⁷ não chega a pensá-la como uma pessoa independente. Esta consideração, de fato, presupõe o conceito de igualdade entre a pessoa de Jesus e a do Pai e também a concepção trinitária de Deus. Estes elementos não podem ser encontrados ainda na reflexão teológica do final do primeiro século. De resto, nenhum dos autores do Novo Testamento, nem João, que é

48

o mais próximo, alcança essa meta.

Não se pode negar, porém, que em alguns trechos Lucas parece mais próximo a esta concepção. Em At 5,32 e 15,28, as duas expressões: *disto somos testemunhas nós e o Espírito Santo* e *pareceu bem ao Espírito Santo e a nós* apresentam o Espírito como sujeito que toma posição junto com os apóstolos. Esta apresentação condiz com uma compreensão mais pessoal do Espírito, apesar de, no contexto, parecer que o Espírito decide orientando os eventos com determinadas manifestações exteriores e não operando como um sujeito que delibera, atuando da mesma maneira que os apóstolos.⁴⁹ Também a já destacada equivalência de papéis entre Jesus e o Espírito em Lc 12,12 e 21,15 leva a pensar que Lucas esteja

50

bastante próximo a uma compreensão mais pessoal do Espírito.

•• A categoria não é colocada só em relação com o advento do Espírito; é usada em geral (7,17) e em relação a Jesus Cristo (13,23.32; 26,6).

⁴⁶ Com o termo, Lucas não entende as manifestações carismáticas do Espírito, mas o próprio Espírito (11,17). Só o texto de 8,20 poderia aludir não ao Espírito em si mesmo, mas à capacidade de transmiti-lo ou a seus dons carismáticos.

⁴⁷ Em 2,17, a expressão *o meu Espírito*, na citação de Jl 3,1, indica que se trata do Espírito de Deus. Cf. 5,3.4; 8,39.

⁴⁸ Em Jo 16,8, o autor coloca em relação o termo *tó pneúma*, do gênero neutro, com o pronome masculino *ekéfnos*, aludindo assim mais facilmente à personalidade do Espírito.

⁴⁹ cf. HAYA-PRATS, *op. cit.*, pp. 82-90.

⁵⁰ HULL, *op. cit.*, p. 155, veria também em At 28,25 uma certa tendência lucana a considerar o Espírito como pessoa, pois no texto o sintagma neutro *o Espírito Santo* é seguido pelo particípio masculino *dizendo* (*légôn*). A incongruência, porém, pode ser explicada como uma construção *ad sensum*, com referência ao profeta Isaías citado.

Esta afirmação pode ser feita também considerando a expressão o *Espírito de Jesus* (16,7) que indica provavelmente que Jesus age ativamente através de seu Espírito.

Foi destacado também que Lucas conota o Espírito quase sempre com o sintagma o *Espírito Santo*, e nunca o qualifica como espírito de sabedoria (Sb 1,5), de inteligência (Sr 39,6), de conselho, de força, de ciência, de temor de Deus (Is 11,2), segundo o uso veterotestamentário. De tal maneira dá mais facilmente a impressão de pensar numa realidade divina particular e não numa

força impessoal que produz vários efeitos em quem a recebe.

O modo de apresentar o Espírito como sujeito autônomo de ação, como acontece na perícopa da conversão do eunuco, não depende, pois, só da qualidade narrativa da obra lucana. A personalização literária do Espírito, feita por Lucas, pode ser considerada um primeiro passo na direção de uma concepção pessoal do Espírito que será evidenciada pela reflexão teológica mais amadurecida dos primeiros séculos.

No texto de At 8,26-40, Filipe é apresentado na sua atividade evangelizadora (8,35.40). Lucas insiste nesta tarefa do missionário helenista também no relato da sua ação apostólica em Samaria (8,4.12.25); pelo contrário, não se interessa pelo papel de servidor das mesas pelo qual foi escolhido em 6,5. É interessante notar que na narração dos Atos, Lucas passa da descrição mais genérica da ação de Filipe para sua qualificação oficial, caracterizando-o em 21,8 com a categoria de *evangelista*, termo que frisa a função ministerial estável que desempenha na igreja e pela qual é conhecido.

Pode-se perguntar se Lucas considera o Espírito, que recebe grande destaque na atividade apostólica de Filipe, também como base do seu ministério instituído de evangelista.

É difícil pronunciar-se a respeito. Em 21,8 não há uma referência explícita ao Espírito, apesar de Filipe, na comunidade de Cesaréia, estar acompanhado das quatro filhas, que têm uma tarefa profética oficial e, portanto, relacionada de modo todo particular com o dom do Espírito. Além disso, pode-se notar que em At 8,1-40 o papel de evangelizador de Filipe nunca está direta-

mente relacionado com a influência do Espírito, cuja tarefa em 8,39 é simplesmente transportar Filipe a Azot.

Lucas indica, porém, que Filipe, como cada um dos Sete, está *repleto de Espírito Santo e de sabedoria* (6,3) para o serviço assistencial que é chamado a desenvolver. Não se pode excluir que tal dimensão esteja ativa também no seu trabalho apostólico. Além disso, precisa-se lembrar também que Lucas, tanto com afirmações específicas, como através da organização global de seu relato, salienta que a tarefa de pregação da Palavra está em estreita relação com o dom e a força do Espírito (2,14-39; 4,31.33; 16,6; 20,22). Além disso, o evangelista destaca, em At 20,28, que o Espírito é a fonte do ministério que desempenham os presbíteros da igreja, cujo papel é serem guardas e pastores do rebanho.

Como representante da terceira geração, no conjunto da sua obra Lucas frisa, pois, a relação entre Espírito e instituição. Estes elementos, porém, não são suficientes para afirmar que, também no caso de Filipe, Lucas considera explicitamente o Espírito como animador do seu ministério estável de *evangelista*.

9. À guisa de conclusão

Lucas é o hagiógrafo que mais salienta que, na comunidade cristã, se realizam as promessas bíblicas referentes ao Espírito (Is 32,15; 44,3; Ez 36,24-30.) Com o evento de Pentecostes inicia o tempo da plenitude quando o dom escatológico do Espírito é dado com fartura à igreja e a cada um de seus membros (At 2,17-20; Lc 11,13).

Na perícopa da conversão do eunuco, encontram-se as perspectivas básicas da teologia do Espírito que Lucas desenvolve ao longo de toda sua obra. Para Lucas, o Espírito é basicamente aquele que inicia e sustenta a missão da igreja, a força que anima a evangelização, que impulsiona a comunidade para uma contínua aventura, permitindo-lhe realizar sua vocação de testemunha da Palavra perante as nações (1,8). Com o eunuco que se converte, inicia, com efeito, o caminho do evangelho fora do mundo hebraico num encontro fecundo com mundos culturais diferentes. Esta apresentação indica, por parte da comunidade de Lucas, a

⁵² Nessa linha deve ser compreendida a relação entre efusão do Espírito e imposição das mãos (8,14-17; 9,17; 19,6). Esse gesto, unido à oração (9,17; 19,6), não significa dispor a seu bel prazer do Espírito (8,19-20), mas simboliza a petição e a invocação a Deus para que envie seu Espírito.

consciência da importância do esforço missionário no fim do primeiro século. Por querer frisar esta relação entre o dom do Espírito e a missão, Lucas omite a referência ao poder santificador íntimo do Espírito que se realiza em particular nos sacramentos.

À luz da estreita relação entre o Espírito e a pessoa de Jesus, presente em toda a obra lucana, a perícopes de At 8,26-40 faz também entender que uma das funções básicas do Espírito é ajudar o cristão a descobrir a identidade de Jesus, facilitando sua total adesão a Cristo. Em particular, permite tomar consciência da orientação cristológica das Escrituras e, assim, do único desígnio salvífico que, começando por Abraão, encontra seu cumprimento em Jesus Cristo.

Embora a perícopes apresente a intervenção do Espírito ainda com elementos relacionados com o Antigo Testamento, i.é., como um acontecimento imprevisto e inesperado com caráter ocasional, Lucas sabe que a efusão do Espírito Santo é um evento eclesial permanente. A descrição do Espírito que se encontra em At 8,26-40 deve, pois, ser cotejada com a dos outros textos dos Atos que descrevem uma experiência do Espírito de maneira mais real e correspondente à da primeira comunidade cristã. Para Lucas, pois, está claro que o Espírito atua na igreja, através de seus membros e de suas instituições, permitindo-lhe viver em contínua tensão escatológica.

Estes simples elementos mostram a especificidade e a originalidade da concepção lucana do Espírito que difere das outras elaboradas pelo cristianismo primitivo.

A teologia lucana do Espírito que pode ser evidenciada pela análise de At 8,26-40 é significativa também para a comunidade cristã de hoje. Particularmente importante é a consciência de que o Espírito conduz a igreja para metas sempre novas e imprevistas. Esta consciência ajuda a amadurecer uma atitude de confiança e abandono; liberta, no mesmo tempo, da tentação de considerar o Espírito uma posse da igreja. Só esta atitude eminentemente bíblica favorece o desenvolvimento de uma compreensão não clerical e não autoritária da igreja; só vivendo e agindo desse jeito a comunidade cristã potencia em si uma genuína criatividade e pode se defender dos perigos da repetitividade que paralisa e tira todo vigor. Desta maneira, exorcisam-se também os riscos de ensimesmamentos narcisísticos e infrutuosos.

No meio de tantos movimentos atuais, que tentam monopolizar a condução do Espírito, Lucas lembra que a igreja, como um todo e nas suas comunidades particulares, recebeu o dom

escatológico do Espírito. Convida, pois, a reconsiderar a dimensão eclesial da dádiva que vem do alto. Ao mesmo tempo, mostra a inanidade de possíveis aventuras pessoais falsamente pneumáticas, destacando que cada verdadeira experiência do Espírito implica, sempre, uma mais adequada compreensão de Cristo e uma vida mais conforme ao evento pascal.

Alberto Casalegno SJ é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente, é professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional (Nápoles) e na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte). Publicou: *Gesù ed il Tempio*. Studio redazionale di Luca/Atti. Brescia, Morcelliana, 1984.

Endereço: Via Petrarca, 115 - 80122 Nápoles - Itália.